

Fernanda Pereira Mendes (org.), *Dante e Portugal. Presenças lusas e andaluzas na Divina Comédia*. Porto, Associazione Socio-Culturale Italiana del Portogallo Dante Alighieri, 2021, 220 pp.

Pedro Álvarez-Cifuentes
 Universidad de Oviedo
 alvarezcpedro@uniovi.es
 orcid.org/0000-0003-0317-691X

Entre as numerosas publicações que resultaram das comemorações do sétimo centenário da morte de Dante Alighieri, assinalado em 2021, tanto em Itália como no estrangeiro, não deve passar despercebido um interessante volume que se insere numa linha de investigação que, nas últimas décadas, tem procurado ampliar os limites tradicionais dos estudos dantescos. Trata-se de *Dante em Portugal. Presenças lusas e andaluzas na Divina Comédia* (2021), organizado por Fernanda Pereira Mendes (Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade - Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Universidade de São Paulo), que deriva do colóquio internacional “Presenças lusas e ibero-islâmicas na obra de Dante”, promovido pela Associazione Socio-Culturale Italiana del Portogallo Dante Alighieri (ASCIPDA), na cidade do Porto, em 2017. A coletânea coloca em diálogo a literatura italiana com os contextos culturais português e ibero-islâmico e parte de uma premissa fundamental: a Europa medieval foi um espaço de intensos intercâmbios culturais, linguísticos e religiosos, e a Península Ibérica desempenhou um papel central na transmissão de saberes entre o Oriente e o Ocidente. A iniciativa merece ser saudada com entusiasmo, na medida em que orienta a atenção nos estudos comparatistas luso-italianos, tradicionalmente impulsionados pelo professor José da Costa Miranda e continuados por investigadores como Graça Moura, Rita Marnoto, Isabel Almeida e Ana Beatriz Andrade e por trabalhos como *Estudos Dantescos. Tradução e recepção da obra de Dante em Portugal e no Mundo*, editado por Daniela di Pasquale e Tiago Guerreiro da Silva em 2014.

Após o prefácio (9-10) de Alessandro Masi, Secretário-Geral da Società Dante Alighieri, e a introdução (11-23), completa e rigorosa, da responsabilidade da organizadora do volume, Fernanda Pereira Mendes, *Dante e Portugal* apresenta uma estrutura bipartida, assente em duas secções claramente diferenciadas, embora concebidas de forma complementar. A primeira parte do livro consiste numa série de ensaios que examinam a influência das narrativas escatológicas islâmicas na formação do imaginário do poeta florentino, retomando um dos debates mais duradouros e

controversos da crítica dantesca moderna, que, no entanto, nem sempre foi abordado em língua portuguesa. Os autores revisitam as teses avançadas por Miguel Asín Palacios na sua obra clássica *La escatología musulmana en la Divina Comedia* (1919), complementada depois por *Il Libro della Scala e la questione delle fonti arabo-spagnole della Divina Commedia* de Enrico Cerulli (1949), e exploram as possíveis vias de transmissão cultural entre o mundo islâmico e o Ocidente medieval, não para diluir a originalidade de Dante, mas para compreender com maior profundidade a complexidade da sua obra.

É o caso do estudo de Helmi Ibrahim Nasr, nascido no Egito e naturalizado brasileiro, que teve um papel determinante na criação da Secção de Estudos Orientais da Universidade de São Paulo e foi o tradutor para português da versão oficial do Alcorão reconhecida pela Liga Islâmica Mundial. O seu artigo, “A escatologia islâmica na *Divina Comédia*” (25-67), sintetiza as investigações de Asín Palacios, revendo-as à luz da literatura árabe medieval e integrando-as num quadro comparatista mais amplo. Em “Maria Corti: a *Commedia* de Dante e o Além-túmulo islâmico” (69-78), Maurizio Capone revê os estudos da filóloga italiana Maria Corti, que estabeleceu um paralelismo entre a obra dantiana e as traduções do *Livro da Escada de Maomé* patrocinadas pelo rei Afonso X, o Sábio. Produzidas no contexto de intercâmbio cultural da Idade Média ibérica, estas traduções tenderiam a confirmar o *Livro da Escada* como uma das fontes privilegiadas da *Divina Comédia*. Por seu turno, em “Dante e o Islão” (79-95), Maria Soresina aborda as principais figuras islâmicas evocadas no poema, entre as quais o próprio Maomé, Saladino, Avicena e o cordovês Averróis — “Averrois, che ‘l gran comento feo” (*Inferno*, IV, v. 144), enquadrando-as num horizonte simbólico e teológico marcado pela ambiguidade entre condenação e reconhecimento intelectual. Sob o título “Influências islâmicas sobre a *Commedia*: uma investigação inconclusa” (97-113), Domenico di Martino apresenta um panorama de conjunto da evolução histórica dos estudos sobre a influência da escatologia islâmica no pensamento de Dante, ao mesmo tempo que Maria do Céu Pinto Arena discute, de maneira mais geral, o impacto do Islão na literatura cristã medieval no artigo “A atualidade da presença islâmica em Dante à luz da dinâmica alterada de cooperação e conflito entre Islão e Ocidente” (115-132).

A segunda parte do livro centra-se na análise das relações de Dante e a *Divina Comédia* com a culturas e a literatura de expressão portuguesa, evidenciando a sua receção, circulação e reelaboração em diversos contextos do espaço lusófono. Em primeiro lugar, o estudo de Maria Cecília Cassini, intitulado “Fontes e rumos da Dantística lusófona” (133-152), avalia a presença de Dante no universo da língua portuguesa, com especial enfoque na literatura

brasileira, possivelmente influenciada pela intensa imigração italiana no país. A investigadora percorre do período neoclássico e do *Ramalhete poético do Parnaso Italiano*, publicado no Rio de Janeiro em 1843 a propósito do casamento do imperador D. Pedro II com a princesa napolitana Teresa Cristina de Bourbon, até às citações ocasionais de Machado de Assis, as versões da *Comédia* de Haroldo de Campos, Jorge Wanderley ou Eugênio Vinci de Moraes, e alguma homenagem poética de Carlos Drummond de Andrade, passando pelo livro *O meu Dante*, editado por Edoardo Bizzarri (1965), entre outros muitos traços da presença de Dante na literatura brasileira. A breve alusão ao rei D. Dinis do canto XIX do *Paraíso* — “E quel di Portogallo e di Norvegia / lì si conosceranno, e quel di Rascia / che male ha visto il conio di Vinegia” (vv. 139-141) — é objeto de dois estudos diferentes. O texto de Afonso Rocha, “Dante, os Templários e D. Dinis à luz de Sampaio (Bruno)” (153-162), analisa a interpretação de Sampaio Bruno (1915) sobre a alusão ao Rei Trovador, relacionando-a com a extinção da Ordem do Templo e a fundação da Ordem de Cristo, enquanto o fragmento extraído de *Portugal: Razão e Mistério*, de António Quadros, sob o título “A Ordem de Cristo como redenção de *Quel di Portogallo*” (163-174), desenvolve a leitura de Bruno, oferecendo uma perspetiva mais abrangente sobre o contexto político e religioso da época. Para Quadros, uma noção superficial dos acontecimentos na Península Ibérica levou o poeta a emitir um comentário crítico sobre o rei português, quando, na realidade, “ao transpor de um pensamento [...] para a acção fundadora da nova Milícia de Cristo, [...] servindo simultaneamente não só um ideal religioso e ecuménico, mas também a acção da Coroa portuguesa, D. Dinis veiculava, implicitamente, o ideal da *Monarquia* segundo Dante” (174).

Em “A Divina Comédia e *Petrus Alfonsi Hispanus O.P.*: outro português notável na Idade Média?” (175-212), Fernanda Mendes propõe uma leitura inovadora: o Pedro Hispano mencionado por Dante no canto XII do *Paraíso* — “Pietro Spano, / lo qual giù luce in dodici libelli” (v. 134) — não seria o papa português João XXI, como tradicionalmente tem sido aceite pela crítica, mas sim um frade dominicano pouco conhecido, Pedro Afonso, o autor dos “doze livrinhos” do *Tractatus* ou *Summulae Logicales*, que em 1245 teria atuado como testemunha do juramento solene do futuro rei D. Afonso III de Portugal. Esta hipótese, apoiada numa meticulosa pesquisa documental, acrescenta uma dimensão inédita à interpretação das referências portuguesas na *Comédia*. Por fim, o posfácio de Fabrizio Boscaglia (213-218) recolhe alguns dados sobre a receção do Islão na obra de Fernando Pessoa e demonstra que a leitura da *Divina Comédia* pelo poeta português, evidenciada pelas anotações feitas nos exemplares conservados na sua biblioteca (três edições

do poema, em italiano, inglês e francês), contribuiu para a construção de um diálogo simbólico com o mundo islâmico, reconhecendo aos filósofos muçulmanos “um imprescindível papel de transmissores da própria cultura grega na Europa medieval” (215).

Em termos críticos, importa salientar que o livro *Dante e Portugal* não pretende oferecer respostas definitivas sobre a influência portuguesa (ou ibero-islâmica) na *Divina Comédia* ou sobre a marca de Dante na literatura de língua portuguesa, talvez menos perceptível do que a de Petrarca. O seu objetivo é, antes, abrir novas linhas de investigação e suscitar questões que convidem a repensar a obra dantesca a partir de perspetivas menos tradicionais — e não sempre frequentes no âmbito lusófono —, que enriquecem a compreensão da sua complexidade e do seu alcance universal. Os ensaios recolhidos mostram-se acessíveis a um público especializado alargado, que inclui não apenas dantistas, mas também investigadores dedicados à literatura medieval, aos estudos ibéricos e à história cultural europeia. Esta acessibilidade reforça o valor do volume curado por Fernanda Pereira Mendes como instrumento de diálogo interdisciplinar e ponto de encontro entre diferentes tradições, que favorecerá a consolidação de uma abordagem comparatista e transnacional da obra de Dante.